

A DESTERRITORIALIZAÇÃO DO SUJEITO PÓS-MODERNO NO ROMANCE *ESSA TERRA*, DE ANTÔNIO TORRES

Dinameire Oliveira Carneiro Rios
(UFBA – Doutora em Literatura e Cultura)

Andreza Santiago de Sousa
(UFRB – Graduanda em Letras)

Milena Santos Cardoso
(UFRB – Graduanda em Letras)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Dinameire Oliveira Carneiro Rios é Doutora em Literatura e Cultura (UFBA), Mestre em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS), Especialista em Estudos Literários e Graduação em Letras Vernáculas (UEFS).
E-mail: dina_meire@hotmail.com

Andreza Santiago de Sousa é Graduanda do curso Letras/Libras (UFRB), participa do Grupo de Pesquisa Língua(gem), Letramentos, Diversidade e Formação Docente" (LinLet).
E-mail: andreza_santiago21@hotmail.com

Milena Santos Cardoso é Graduanda do curso de Letras: Português/Libras/Língua estrangeira (UFRB), integrante do Grupo de Pesquisa "Língua(gem), Letramentos, Diversidade e Formação Docente" (LinLet); Membro do projeto de pesquisa "Práticas de linguagem e ensino de língua portuguesa na Educação Básica.

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de argumentar sobre a desterritorialização e a fragmentação do sujeito pós-moderno, no romance *Essa Terra*, do autor baiano Antônio Torres. O objetivo consiste em identificar a fragmentação identitária e territorial desse sujeito, a partir da análise do personagem principal, Nelo. Diante disso, para obtenção dos resultados, foi adotada a pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, ancorada nas perspectivas teóricas de Hall (2011), que traça uma discussão acerca da fragmentação identitária do sujeito na pós-modernidade, e Bhabha (1998), que discute sobre o conceito de "Terceiro Espaço". Dessa forma, constata-se que o personagem Nelo sofre uma intensa crise identitária e territorial, traço que já é característico do sujeito na pós-modernidade, que se transforma diante de uma sociedade que sofre os efeitos da globalização.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to argue about the deterritorialization and fragmentation of the postmodern subject, in the novel *Essa Terra*, by the Bahian author Antônio Torres. The objective is to analyze the identity and territorial fragmentation of this subject, based on the analysis of the main character, Nelo. Therefore, in order to obtain the results, a qualitative research of bibliographic character was adopted, anchored in the theoretical perspectives of Hall (2011), which outlines a discussion about the subject's fragmentation in post-modernity, and Bhabha (1998), who discusses on the concept of "Third Space". Thus, it appears that the character Nelo suffers an intense identity and territorial crisis, a trait that is already characteristic of the subject in postmodernity, which is transformed before a society that suffers the effects of globalization.

PALAVRAS-CHAVE

Pós-Modernidade; Desterritorialização; Identidade.

KEY-WORDS

Post-Modernity; Desterritorialization; Identity.

INTRODUÇÃO

Até o início do século XX no panorama literário brasileiro, ainda não existia uma literatura engajada com as questões socioculturais do país, porque o que prevalecia era uma literatura hegemônica que estava pautada sobre os paradigmas e valores eurocêntricos (CANDIDO, 2006). Portanto, em decorrência desse cenário de supremacia cultural, estético, etc., houve a necessidade de romper com esses modelos, e inaugurar um período literário de transição, voltado para a realidade do país, desde sua linguagem até os problemas sociais, que configurariam uma literatura brasileira autêntica.

Trata-se do início do Modernismo no Brasil, que assimilou traços das produções europeias, porém focou-se na valorização dos elementos culturais brasileiros. Tal momento teve como marco inicial a realização da “Semana da Arte Moderna” em São Paulo, no ano de 1922, que rompeu com a arte acadêmica e tradicional, e voltou sua atenção para a valorização da identidade e cultura brasileira, principalmente, a liberdade de expressão. “A partir de 1922, encontramos cada vez mais escritores que não apenas filtram com originalidade as influências externas, mas se formam, nas coisas essenciais, a partir de antecessores brasileiros” (CÂNDIDO, 2002b, p.118 apud OLIVEIRA, 2008, p. 136). Ou seja, os artistas desse movimento buscaram construir uma identidade própria, com valores nacionais, rompendo com o conservadorismo e a homogeneidade da arte europeia, que seguia padrões tradicionais.

Dito isto, o Modernismo divide-se em três fases: a primeira geração (1922 – 1930); segunda geração (1930 – 1945) e a terceira geração, conhecida também como fase Pós-Modernista, que se iniciou em 1945 e perdura até os dias atuais, segundo Candido (2006). Vale salientar que nesse trabalho irá se limitar somente à terceira fase, visto que o *corpus* de análise está inserido nesse período literário.

Essa terceira geração corresponde à fase da redemocratização do Brasil, pois em 1945 termina a política do Estado Novo implementada pela ditadura de Getúlio Vargas e o fim da Segunda Guerra Mundial. A sociedade brasileira nesse período sofreu mudanças significativas nos âmbitos filosóficos, artísticos, sociológicos e científicos, já que ela se desenvolveu conforme o Capitalismo e a expansão da Globalização.

Diante disso, a arte pós-moderna passou a combinar várias tendências, com enfoque na multiplicidade e mistura de estilos, opondo-se à arte moderna. Nesse novo cenário, a literatura recusa o enredo composicional do romance, que anteriormente era composto por início, meio e fim, e inaugura um novo estilo composicional, que embaralha a ordem espacial e temporal dos acontecimentos, adentrando as relações sociais e as reflexões psicológicas e morais dos personagens, para denunciar a realidade das pessoas no mundo pós-moderno. Conforme afirma Moisés:

A definição do pós-moderno se faz, quase sempre, pela forma negativa, a partir de um feixe de traços filosóficos ou estilísticos opostos aos modernos. De modo geral, os traços considerados pós-modernos são os seguintes: heterogeneidade, diferença, fragmentação, indeterminação, relativismo, desconfiança dos discursos universais, dos metarrelatos totalizantes (identificados com “totalitários”), abandono das utopias artísticas e políticas. Esses traços se opõem aos da modernidade, que seriam: racionalismo, positivismo, tecnocentrismo, logocentrismo, crença no progresso linear, nas verdades absolutas, nas instituições (MOISÉS, 1998, p. 182-183).

Portanto, dentre os fatos característicos resultantes da pós-modernidade, encontra-se a imagem do sujeito fragmentado, desterritorializado, visto que, no mundo globalizado, ocorrem diversos deslocamentos, sejam eles identitários ou territoriais. Esses deslocamentos são bastante explorados na literatura pós-moderna, em que o sujeito migra, majoritariamente, do interior nordestino para os grandes centros urbanos, em busca de melhores condições de vida. Porém, nesse processo, ele passa a sofrer constantes mudanças que acarretam na fragmentação de sua identidade e sua territorialidade. Em relação a isso, Hall (2011, p. 9) afirma que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

E é justamente pautado sobre essa óptica que no romance *Essa Terra* será analisada a figura deslocada do sujeito pós-moderno. Vale salientar que esse deslocamento presente na obra está relacionado com a migração descrita pelo escritor e jornalista brasileiro Antônio Torres, o qual, assim como o personagem Nelo, nasceu no Junco, interior da Bahia, e migrou para São Paulo em busca de uma condição de vida melhor, fato este que leva muitos críticos a afirmarem que, até certo ponto, o romance - *Essa terra* corresponde a uma autobiografia do autor, por ambos terem compartilhados a mesma experiência migratória.

Antônio Torres possui uma significativa produção literária, na qual, frequentemente, aparecem temas que adentram criticamente as questões regionais, principalmente a marginalização do sertanejo no cenário sociocultural brasileiro. Dentre essas obras, destaca-se seu primeiro romance, intitulado *Essa Terra*, considerado pelos

críticos Ítalo Moriconi (2013) e Affonso Romano de Sant'Anna (1976) como a obra que consagrou o escritor brasileiro, cujo tema denuncia as diferenças sociais (sertão X São Paulo) e o impacto dessas diferenças sobre a identidade do sujeito.

1 O ROMANCE *ESSA TERRA*

O romance *Essa Terra*, publicado pela primeira vez em 1976, de autoria de Antônio Torres, fala sobre a vida trágica de uma pobre família que residia no Junco, uma pequena cidade do interior da Bahia (conhecida atualmente como Sátiro Dias). A história é narrada pelo personagem Totonhim, o irmão caçula de Nelo, que através de uma narração memorialística descreve o desfecho trágico da família sertaneja. A trama se desenvolve em torno do episódio da morte de Nelo, o irmão mais velho do narrador, no qual a família depositava toda a esperança de uma perspectiva de vida melhor, já que a cidade sertaneja era tida como sinônimo de atraso, como descreve ironicamente o narrador na seguinte passagem:

E foi assim que um lugar esquecido nos confins do tempo despertou de sua velha preguiça para fazer o sinal da cruz.

O Junco: um pássaro vermelho chamado Sofrê, que aprendeu a cantar o hino nacional. Uma galinha pintada chamada Sofraco, que aprendeu a esconder seus ninhos. Um boi de canga, o Sofrido. [...] O cheiro de alecrim e a palavra açucena. E eu, que nunca vi uma açucena. Os cacos: de telha, de vidro. Sons de martelo amolando as enxadas, aboio nas estradas, homens cavando o leite da terra. O cuspe do fumo mascado de minha mãe, a queixa muda de meu pai, as rosas vermelhas e brancas de minha avó. [...]

Essa é a terra que me pariu.

— Lampião passou por aqui.

— Não, não passou. Mandou recado, dizendo que vinha, mas não veio.

— Por que Lampião não passou por aqui?

— Ora, ele lá ia ter tempo de passar neste fim de mundo? (TORRES, 2013, p. 13-14).

As expressões irônicas utilizadas pelo narrador “Sofrê”, “Sofraco”, “Sofrido”, “pôr do sol mais longo do mundo”, “açucena”, etc. são empregadas para evidenciar o modo de vida sofredora do povo sertanejo. Propõe-se que Torres faz uso dos três primeiros termos com “S” maiúsculo para associar a Seca nordestina, fato que se constata mais adiante na narrativa, no momento em que o narrador retoma a memórias passadas para enfatizar a seca e a fome, situações as quais a população sempre esteve submetida:

Vagaroso e solitário, o Junco sobrevive às suas próprias mágoas, com a certeza de quem já conheceu dias piores, e ainda assim continua de pé, para contar como foi. Em 1932, o lugar esteve para ser trocado do estado da Bahia para o mapa do inferno, na pior seca de que já se teve notícia por essas bandas, hoje reverenciada em cada caveira de boi pendurada numa estaca para dar sorte.

— O povo caía e morria de sede e fome, como o gado. Era de cortar o coração (TORRES, 2013, p. 15).

O romance está dividido em quatro partes: “Essa Terra me Chama”, “Essa Terra me Enxota”, “Essa Terra me Enlouquece” e “Essa Terra me Ama”, nas quais está descrita uma triste realidade do sertão brasileiro, sendo que se destaca a problemática da fome, a miséria, a seca, fortes influentes para o processo migratório dos sertanejos os quais migravam para a ilusória cidade grande no Sudeste, principalmente São Paulo. Esses homens iam em busca de novas oportunidades e melhores condições de vida, como está descrito na figura de Nelo, personagem no qual todos depositavam esperança do tão sonhado progresso, como nota-se na fala da mãe de Nelo: “Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo” (TORRES, 2013, p. 63).

2 A DESTERRITORIALIZAÇÃO DO PERSONAGEM NELO

Como foi citado anteriormente, a pós-modernidade está ligada intrinsecamente com o processo de globalização. Tal processo ocasiona a disseminação de movimentos migratórios que, conseqüentemente, geram diversos deslocamentos no sujeito, tais como: cultural, social e, principalmente, territorial. De acordo com Appadurai (2009, p. 66):

De vários modos, a globalização intensifica a possibilidade dessa volátil transformação, de modo que a naturalidade que todas as identidades grupais procuram e assumem está perenemente ameaçada pela afinidade abstrata das próprias categorias de maioria e minoria. As migrações globais dentro e por cima de fronteiras nacionais constantemente perturbam a cola que prende as pessoas a ideologias de solo e território. O fluxo global de imagens do eu e do outro divulgadas pela mídia e algumas vezes transformadas em mercadoria cria um crescente arquivo de híbridos que desmanchem as linhas rígidas na borda das identidades de grande escala.

Em outras palavras, pode-se afirmar que os fluxos derivados da Globalização geram no sujeito incertezas sociais, dentre elas, o sentimento de não pertencimento do sujeito a determinados espaços, pois assim como afirma Appadurai (2009), ocorre a “diluição das fronteiras”, que compromete a identidade nacional, gerando uma crise identitária e/ou territorial no sujeito. Dito isto, um traço bastante característico da pós-modernidade é justamente esse estranhamento socioespacial que o sujeito sofre na era da globalização. Trata-se do processo de desterritorialização, que acarreta na perda de territorialidade do indivíduo.

À primeira vista, a desterritorialização lança a idéia de sociedade global no cerne da pós-modernidade. Aí muita coisa muda de figura, desloca-se, flutua, adquire

outro significado, dissolve-se. Ao lançar-se além dos territórios, fronteiras, sociedades nacionais, línguas, dialetos, bandeiras, moedas, hinos, aparatos estatais, regimes políticos, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas, a sociedade global desterritorializa tudo o que encontra pela frente. E o que se mantém territorializado já não é mais a mesma coisa, muda de aspecto, adquire outro significado, desfigura-se. Rompem-se os quadros geográficos e históricos prevaletentes de espaço e tempo. Emergem outras conotações para o que é singular, particular, universal, em outras mediações. (IANNI, 1995, p. 103-104 apud CHELOTTI, 2013, p. 7).

Esse deslocamento que atinge a sociedade individualiza o ser humano e compromete seu condicionamento em diversos âmbitos: político, econômico, cultural e social, deixando-o sem rumo, cuja identidade é des-locada, aprisionada pelas múltiplas fronteiras, provocando a fragmentação desse sujeito. Tal aspecto, frequentemente, é encontrado nos romances pós-modernos, como na obra *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum; *Budapeste* (2003), de Chico Buarque; e *Desmundo* (1996), de Ana Miranda.

No romance *Essa Terra*, Sob a narração de Totonhim, nota-se o fracasso de Nelo, que migrou para São Paulo visando o progresso, acreditando que lá enriqueceria “[...] ele não tendo herdado um único palmo de terra onde cair morto, um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado [...]” (TORRES, 2013, p. 11). Porém, na cidade grande, Nelo não encontra êxito, sente-se excluído e marginalizado, o que acarreta numa crise territorial desse sujeito, que não sabe se permanece em São Paulo ou se retorna para o Junco.

A tão sonhada cidade grande vira um inferno, um aprisionamento para o personagem: “Aqui vivi e morri um pouco todos os dias. No meio da fumaça, no meio do dinheiro. Não sei se fico ou se volto. Não sei se estou em São Paulo ou no Junco. [...] São Paulo é uma cidade deserta” (TORRES, 2013, p. 63). Nesse trecho, nota-se a crise territorial de Nelo que não se sente pertencente nem ao velho Junco (a pobre cidade nordestina) e nem a tão almejada cidade grande (São Paulo). Em São Paulo, Nelo sofre todo o tipo de preconceito por ser baiano “Todo baiano é negro. Todo baiano é pobre. Todo baiano é veado [...]” (TORRES, 2013, p. 62), que contribuiu ainda mais para a fragmentação desse sujeito, em um ambiente pós-moderno globalizado, que decide retornar para o Junco, totalmente fracassado, conseqüentemente, cometendo o suicídio.

Essa crise territorial atravessada por Nelo é resultado de uma espécie de não lugar a que ele faz parte, ou como propõe Bhabha (1998), um “Terceiro espaço” o qual, segundo o teórico, corresponde a um local de cultura derivado do fenômeno da hibridização. Embora não seja um lugar concreto, esse espaço é construído nas fronteiras onde se articulam as diferenças culturais.

É o Terceiro Espaço, que embora em si irrepresentável, constitui as condições discursivas da enunciação que garantem que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo. (BHABHA, 2010, p. 67-68).

Dito isto, no romance *Essa Terra*, percebe-se que Nelo nunca se sentiu pertencente a sua cultura de origem e também não conseguiu se inserir na cultura a qual ele esteve exposto durante o processo migratório; trata-se do desenraizamento do personagem, da falta de uma identidade regional, ou seja, ele é um sujeito desterritorializado, característica do sujeito contemporâneo ou pós-moderno. Por isso, (CANCLINI, 1996, p. 35-36 apud SILVEIRA, 2014, p. 91-92) afirma que,

[...] as identidades pós-modernas são transterritoriais e multilinguísticas. Estruturam-se menos pela lógica dos estados do que pela dos mercados; em vez de basearem-se nas comunicações orais e escritas que cobriam espaços personalizados e se efetuavam através de interações próximas, operam mediante a produção industrial de cultura, sua comunicação tecnológica e pelo consumo diferido e segmentado de bens. A clássica definição socioespacial de identidade, referida a um território particular, precisa ser complementada com uma definição sociocomunicacional. Tal reformulação teórica deveria significar no nível das políticas “identitárias” (ou culturais), que estas, além de se ocuparem do patrimônio histórico, desenvolveram estratégias a respeito dos cenários informacionais e comunicacionais onde também se configuram e renovam as identidades.

Nota-se, então, que o autor elucida o quão necessário é reformular as identidades territoriais, já que assim como a nossa identidade, a territorialidade também está em constante transformação e é definida conforme o grau de pertencimento do sujeito a determinados espaços territoriais. Diante disso, torna-se imprescindível discutir também sobre a formação identitária do sujeito pós-moderno, que nessa análise consiste na crise identitária do personagem Nelo, cuja perda de territorialidade contribui para sua perda de identidade pessoal.

3 A FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA DE NELO

A perda de territorialidade que atinge o sujeito na pós-modernidade, isto é, o processo de desterritorialização, compromete a identidade pessoal do indivíduo que, conforme afirma Hall (2011), sofre uma “crise de identidade”. Pois, na busca incessante de se firmar territorialmente no mundo globalizado, o sujeito, conseqüentemente, desestabiliza sua identidade que passa por constantes processos de incertezas e mudanças gerando o descentramento desse sujeito. Segundo Hall (2011, p. 75):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”.

Dessa forma, como o sujeito pós-moderno não é unificado, já que está em constantes transformações, inevitavelmente, a identidade também está se modificando. Segundo Hall (2003), a identidade é construída ao longo do tempo, de forma inconsciente, pois nenhum sujeito já nasce com uma identidade definida. Ela está sempre incompleta, em contínuos processos de formação.

No romance em análise, nota-se que durante o processo migratório, o personagem Nelo, em São Paulo, depara-se com o mesmo sentimento de incompletude que detinha quando vivia no Junco; e tal sentimento se agrava quando ele retorna para sua terra natal, levando-o a cometer o suicídio. Desta forma, constata-se que o personagem defronta-se com territórios simbólicos diferentes, que desestabilizam sua identidade. Segundo Silva (2014, p. 88-89):

[...] movimentos migratórios em geral [...] favorecem processos que afetam tanto as identidades subordinadas quanto as hegemônicas. [...] A viagem obriga quem viaja a sentir-se “estrangeiro”, posicionando-o, ainda que temporariamente, com o “outro”. A viagem proporciona a experiência do “não sentir-se em casa” que, na perspectiva da teoria cultural contemporânea, caracteriza, na verdade, toda identidade cultural. [...] Se o movimento entre fronteira coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteira, nos limiares, nos interstícios, que sua precariedade se torna mais visível. [...] A possibilidade de “cruzar fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas.

No romance, verifica-se que há essa instabilidade da identidade do sujeito, na primeira parte “Essa Terra me chama”, no décimo capítulo, em que o próprio Nelo narra o momento em que ele é espancado pela polícia de São Paulo, quando é confundido com um ladrão. Nesse trecho, observa-se que o mesmo sofre uma espécie de confusão mental, misturando fatos de tempos e espaços diferentes:

Eles me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no

meio-fio da calçada. Berrei. Que meu berro enchesse a rua deserta, subisse pelas paredes dos edifícios, entrasse nos apartamentos [...] rachasse as nuvens pesadas e negras da cidade de São Paulo e fosse infernizar o sono de Deus: - Socorro. Estão me matando

[...] Foi nesse momento que a mão de papai apareceu, me oferecendo um chapéu. – Cubra a cabeça. Assim dói menos. [...] quando a minha mão já estava quase agarrando o chapéu, levei nova pancada. [...] Eles estão mijando na minha cara e eu estou tomando um banho lá no riacho lá de casa vão para o rio de Inhambupe que vai para o rio Tietê, seguro um tronco de mulungu, para não me afogar [...] enfio a cara na lama, volto à tona, estou me afogando: - Socorro (TORRES, 2013, p. 55-60).

Essa confusão mental de Nelo é o resultado de ele estar “entre lugares”, de experienciar o contato com culturas distintas, e não conseguir se identificar com nenhuma delas, ou seja, em virtude de sua desterritorialização. É justamente essa confusão acerca de seu pertencimento territorial que acarreta na fragmentação da própria identidade de Nelo. O trecho acima ilustra não só uma surra, mas, também um conflito psicológico oriundo de seu sofrimento, deslocamento e fracasso.

Outro trecho que demonstra a crise de Nelo é quando ele caminha com seu irmão Totonhim, “calado e fechado: trancado” (TORRES, 2013, p. 38). Tal incerteza e fragmentação de Nelo foram tão perturbadoras que só restou-lhe uma única saída – a morte, que foi descrita pelo narrador personagem “[...] e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão pendurado na corda, no armador da rede” (TORRES, 2013, p. 12-13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido, pode-se concluir que o Modernismo surgiu para inaugurar uma nova fase no panorama literário brasileiro, já que seu intuito foi romper com os paradigmas e valores hegemônicos eurocêntricos, e instaurar um período de transição nas artes, voltado para a valorização da identidade e cultura brasileira. Dito isso, esse trabalho pautou-se, especificamente, sobre a terceira e última fase desse movimento, a “Pós-Modernidade”, que é a fase na qual está inserida o romance *Essa Terra*, de Antônio Torres.

Como foi pontuado, a pós-modernidade está relacionada com o advento da Globalização e do Capitalismo, que influenciaram na perda de territorialidade e na fragmentação da identidade do sujeito. Diante disso, constatou-se que o personagem Nelo, no romance *Essa Terra*, sofre um deslocamento tanto socioespacial quanto identitário, ao

migrar do interior nordestino (Junco) para a cidade do Sul (São Paulo), ficando em uma espécie de não lugar, ou como propõe Bhabha (1998), um “Terceiro Espaço”.

Em suma, verifica-se que Nelo nunca possuiu o sentimento de pertencimento nem a um território nem a outro, e tal sentimento de incompletude tornou-o um sujeito descentralizado, cuja identidade é fragmentada, rompendo, portanto, com a possibilidade de existir um sujeito unificado, com identidade fixa e permanente na pós-modernidade. Logo, nota-se que as identidades transformam-se conforme o sujeito se transforma, pois se a globalização é capaz de produzir novos tipos de sujeito, conseqüentemente, a identidade sofre mutações, deslocando-se continuamente.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. O medo ao pequeno número. In: _____. **O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva**. Trad. de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009, 128 p.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, 394 p.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 117-146.
- CHELOTTI, Marcelo Cervo. **A dinâmica Territorialização – Desterritorialização-Reterritorialização em áreas de reforma agrária na Campanha Gaúcha**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/22080>>. Acesso em: 02 dez. 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, 104 p.
- _____. **Da Diáspora: identidades e Mediações Culturais**. SOVIK, Liv (org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. et.al. Belo Horizonte: UFMG, 2003, 434 p.
- MORICONI, Ítalo. Prefácio. In: TORRES, Antônio. **Essa Terra**. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013, 188 p.
- OLIVEIRA, Irenísia Torres de. **O primeiro Modernismo nos ensaios de Antonio Candido**. Curitiba: Editora UFPR, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/10957/10559>. Acesso em: 01 dez. 2019.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 238 p.
- SANT'ANNA, A. R. O suicídio do herói. Revista **Veja**, São Paulo, n. 408, p. 116, 30 jun. 1976.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, 136 p.
- SILVEIRA, M. F. Reconfigurações do "Espaço Nordeste" na literatura e no cinema contemporâneo. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011, Curitiba. Centro, Centros; Ética e Estética, 2014. **Anais**. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0644-1.html>. Acesso em: 02 dez. 2019.
- TORRES, Antônio. **Essa Terra**. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013, 188 p.



Título em inglês:
THE DETERRITORIALIZATION OF THE POST-MODERN SUBJECT
IN THE NOVEL *ESSA TERRA*, BY ANTÔNIO TORRES

INVENTARIO